

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PORTO ALEGRE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO
LEITOR**

ALEXANDRE DAROS

LEITURA, LÍNGUA E ESCOLA:

Considerações acerca da perspectiva interacionista no ensino da língua inglesa.

PORTO ALEGRE

2021

ALEXANDRE DAROS

LEITURA, LÍNGUA E ESCOLA:

Considerações acerca da perspectiva interacionista no ensino da língua inglesa.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de pesquisa e pós-graduação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Teoria e Prática na Formação do Leitor.

Orientadora: Prof.^a Dra. Magali de Moraes Menti

PORTO ALEGRE

2021

ALEXANDRE DAROS

LEITURA, LÍNGUA E ESCOLA:

Considerações acerca da perspectiva interacionista no ensino da língua inglesa.

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria e prática na formação do leitor, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Magali de Moraes Menti

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Magali de Moraes Menti
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Uergs

Prof.^a Dra. Ana Maria Bueno Accorsi
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Uergs

Prof.^a Dra. Veronice Camargo da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs

LEITURA, LÍNGUA E ESCOLA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Alexandre Daros¹
Magali de Moraes Menti²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo debater o processo da leitura no auxílio ao aprendizado da língua inglesa em sala de aula, discutindo as suas estratégias e o que pode ser utilizado na perspectiva da relação educador-educando para a formação destes leitores, partindo da compreensão de que a leitura é uma atividade essencial, sobretudo pela importância social e cultural que traz consigo. Entende-se que o processo de leitura pode ser compreendido de diversas maneiras, isto é, sob diferentes óticas, porém, este estudo não percebe o texto como sendo um produto fechado, que não leva em consideração nenhuma perspectiva de interação entre a sua leitura e o seu leitor. A leitura, aqui, é concebida como sendo um fenômeno de inter-relação entre autor-texto-leitor, um lugar de construção e reconstrução das significações entre todos os envolvidos neste processo. Valendo-se dos aportes teóricos das obras de Costa Val (2004), Fávero e Koch (1994) e Koch (2014), serão apresentadas reflexões sobre a teoria da leitura, com enfoque na perspectiva interacionista, e que podem ser utilizadas estrategicamente na esfera do ensino da língua inglesa na Educação Básica. A partir de referenciais teóricos, pretende-se estabelecer uma sucinta e relevante contribuição para as possibilidades de práticas em formação de alunos leitores em língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica; formação do leitor; leitura interacionista; prática pedagógica em língua inglesa.

¹ Aluno da Especialização em Teoria e prática na formação do leitor - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/Unidade de Porto Alegre-RS. E-mail: alexandre.daros@yahoo.com.br

² Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/Unidade de Porto Alegre-RS, coordenadora da Especialização em Teoria e prática na formação do leitor, coordenadora do curso de Licenciatura em Letras: habilitação em língua portuguesa e literaturas em língua portuguesa. E-mail: magali-menti@uergs.edu.br

ABSTRACT

The aim of this research is to discuss the reading process in support of learning the English language in the classroom. This article discusses the strategies that can be used in the perspective of the educator-student interaction for the training of these readers, based on the understanding that reading is an essential activity, especially, due to the social and cultural importance that it holds. It is understood that the reading process can be understood in different ways, in other words, from different perspectives, however, this study does not understand the text as being a closed product, that does not consider any perspective of interaction between reading and reader. Reading, in this study, is conceived as a phenomenon of interactions between author-text-reader, a place of construction and reconstruction of meanings among everyone involved in this process. Based on theoretical contributions of the studies of Costa Val (2004), Fávero and Koch (1994) and Koch (2014), reflections on theories of reading will be indicated, focusing on the interactionist perspective, which can be used strategically in the English language teaching in Basic Education. Based on theoretical references, this paper establishes a succinct and relevant contribution to the possibilities of practical training for student readers in the English language.

KEY WORDS: Basic Education; reader training; interactionist Reading; pedagogical practice in English language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
2 O TEXTO, A LEITURA E O MÉTODO RECEPTIVO NA ESCOLA.....	9
2.1 O TEXTO NA SALA DE AULA.....	10
2.2 A LEITURA E AS SUAS COMPREENSÕES.....	12
2.3 A ESCOLA ENQUANTO DIFUSORA DA LEITURA.....	15
2.4 A SOCIOINTERAÇÃO NA ABORDAGEM DA LÍNGUA INGLESA E A ESCOLA.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

A leitura, experiência muito prazerosa e engrandecedora, tanto para o crescimento pessoal e intelectual, guia, fortalece e dá, ao mesmo instante, suporte à reflexão para o sujeito que lê. Ela nos permite transitar por diferentes campos e sentidos da vida, uma habilidade única, em que deve ser dada ao leitor a possibilidade, individual, de significá-la. Bem como refletiu Freire (1992), quando afirmou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o processo da leitura deve considerar os sentidos que o leitor é capaz de atribuir ao texto, e as suas vivências, enquanto indivíduo, não devem ser descartadas neste contexto.

O processo de formação de leitores tem sido um assunto muito discutido, principalmente pelos educadores nas últimas décadas.

Pode-se descrever o ato de ler, conforme sustenta Soares (2003), como um processo de decodificação às marcações escritas, ou seja, dar significado ao que se está lendo, e por este motivo é possível afirmar que o leitor é quem faz a maior parte do processo imaginativo, a partir do que propôs o autor com a criação da obra.

Não se pode isolar, contudo, o papel do autor no texto. Ignorar sua existência significa deixar de lado diversas informações que o texto pode oferecer, porque a obra, afinal, fora introduzida por ele. Isso significa dizer que o texto não se molda espontaneamente, uma vez que o resultado do trabalho do autor também é reflexo de suas vivências e de suas concepções de mundo.

Ao refletir sobre o texto, ele deve ser entendido como uma forma específica de manifestação da linguagem, motivo pelo qual a língua e as suas condições de uso, dentro de um contexto, tornam-se importantes. Ou seja, parte-se de uma perspectiva dialógica de texto, bem como assinala Bakhtin (2003), na qual os sentidos devem ser preenchidos pelo inter-relacionamento destas marcas, elementos ou propriedades. Nesse sentido, as palavras têm sua relevância e importância conforme a utilização de um determinado grupo, sofrendo influências sociais, temporais, econômicas, etc. E quanto à língua, valendo-se de Saussure (1970), no contexto desse trabalho, em síntese, é entendida como um sistema de códigos que permite a comunicação e registro do conhecimento e das expressões humanas. A língua está sempre incluída no contexto social, precisa ser aprendida e deve ser conhecida pelos demais membros

da sociedade para que a comunicação seja possível. A importância da língua está na sua capacidade de, enquanto um sistema de signos, exprimir ideias. Sendo assim, língua, na concepção desse estudo, é entendida como a manifestação linguística feita por intermédio do texto propriamente dito, corroborando com os entendimentos de Saussure (1970).

Mas por que o aluno deve ler? A leitura deve ser concebida como uma maneira de significação, de construção e reconstrução de sentidos, como um fenômeno de humanização, de compreensão de mundo. Por isso, quando fica claro o objetivo e os resultados da leitura, a sua eficácia, o que ela pode oportunizar ao leitor, é possível pensá-la como um agente sociocultural, de reflexão, um feito em que o que é lido – o texto – precisa dialogar com quem lê, principalmente, quando falamos da leitura em ambientes escolares (BAQUERO, 2001).

Uma vez identificada a importância da leitura, pode-se compreender que um ser leitor não acontece ao acaso. Isso significa afirmar que é preciso existir trabalhos de formação e ensino para que o indivíduo se torne um leitor. Esse contexto explica porque a escola está sendo um dos locais mais importantes para formar sujeitos leitores, dada a importância de se trabalhar com ações de leitura e de os professores atuarem como formadores nesse processo, conforme aponta a 5ª edição da pesquisa intitulada Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro e publicada em 2020.

A pesquisa acima citada revela que as bibliotecas escolares são os locais mais utilizados para se fazer leitura, segundo os participantes entrevistados. Além disso, a pesquisa também expõe a necessidade de os professores atuarem de maneira contínua quanto à formação de alunos leitores, visto que o apreço pelo hábito de ler, bem como a indicação de obras a serem lidas, foram, na maioria, inspirados, segundo os participantes, pelos seus professores. Outra informação relevante e que foi evidenciada por essa pesquisa é de que a leitura atua como difusora de conhecimento e é capaz de influenciar até mesmo em uma busca por melhores condições de vida. Por outro lado, a pesquisa mostra que os participantes que não leem afirmam não terem sido influenciados por ninguém para despertar o hábito pela leitura, inclusive nem pelos seus professores.

Como o ato de ler é de suma importância para que o indivíduo cresça, se oriente e se desenvolva intelectualmente, a principal motivação para a realização deste trabalho centra-se na relevância que o assunto possui para a área da educação. No

Brasil, dada a sua diversidade cultural e linguística, percebe-se a necessidade de estimular ações de ensino da língua inglesa a partir da escola, que, muitas vezes, é o único ambiente formal possível de ser frequentado pelos alunos, especialmente quando esses estudam em escola pública, como também evidencia o estudo realizado pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020).

Quanto ao ensino da língua inglesa, Berger (2005) traz à reflexão o modo como ele é habitualmente conduzido nas escolas regulares brasileiras, que, na maioria das vezes, utiliza-se de metodologias ultrapassadas, centradas no ensino de gramática e tradução, apenas, não contemplando nenhuma outra habilidade linguística que parta de uma perspectiva de interação entre o ensino e os conhecimentos prévios, de mundo, dos alunos e que também seja capaz de proporcionar a eles meios favoráveis as suas formações enquanto cidadãos.

Para obter os resultados e respostas à problematização apresentada aqui, que se propôs a entender se as ações em leitura podem contribuir para o ensino da língua inglesa na Educação Básica, recorreu-se, principalmente, à análise de materiais disponibilizados na plataforma Google Acadêmico. E além desse acervo digital, a pesquisa também baseou-se em estudos de autores interacionistas, como, por exemplo, Fávero e Koch (1994) e Koch (2014), entre outros pesquisadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Portanto, o presente trabalho tem por objetivo debater o processo da leitura no auxílio ao aprendizado da língua inglesa em sala de aula, discutindo as suas estratégias e o que pode ser utilizado na perspectiva da relação educador-educando para a formação desses leitores, partindo da compreensão de que a leitura é uma atividade essencial, sobretudo pela importância social e cultural que traz consigo.

Vale ressaltar que, embora a aquisição de um novo idioma passe pela assimilação de diferentes etapas das estruturas linguísticas, esse trabalho não dará enfoque ao aprendizado a partir de um estudo gramatical. Assim, será analisada a leitura entendendo o texto como uma composição a ser definida, uma estrutura que vai além de um simples arranjo gramatical, ultrapassando, desse modo, as fronteiras do texto a ser decodificado.

Quanto à metodologia, esse estudo caracteriza-se como sendo uma pesquisa exclusivamente bibliográfica e busca responder se as ações em leitura, com viés interacionista, contribuem positivamente para o ensino da língua inglesa, tendo por base os pressupostos teóricos embasados no campo da teoria da leitura

interacionista para a aquisição da linguagem, bem como o ensino da língua inglesa na Educação Básica, por meio de diferentes materiais já publicados, colocando em diálogo diferentes autores, que apontarão caminhos para essa análise.

Sendo assim, por meio de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos sobre o presente tema de pesquisa, foi feita uma busca bibliográfica para levantamento de informações acerca da teoria da leitura, da leitura em ambientes escolares, do ensino da língua inglesa na Educação Básica e do interacionismo aplicado ao processo de aprendizagem.

Dos referenciais utilizados, publicados em língua portuguesa ou inglesa, totalizando vinte e duas composições, entre livros, dissertações de mestrado, artigos, revistas e cadernos, foram escolhidas as obras dispostas a responder à pergunta de pesquisa desse trabalho. A busca, originada a partir do levantamento de informações sobre os temas relacionados à formação do leitor, ao processo de leitura, à leitura interacionista e ao ensino da língua inglesa na Educação Básica, contemplou publicações datadas entre a década de 70 até os tempos atuais.

Por isso, espera-se atrair a atenção para o tema e contribuir para a expansão das ações em leitura aplicadas ao ensino da língua inglesa. Desta forma, os alunos ampliarão as suas possibilidades de aprendizado e de alcance a melhores resultados quando precisarem interagir com essa língua, rumando a níveis mais elevados de emancipação no idioma, tornando-os mais seguros para participar das experiências de um mundo globalizado, de forma consciente.

E diante da situação delicada em que se encontra o ensino nas escolas atualmente, sobretudo o de língua inglesa, que, em alguns casos, inclusive, é ministrado por professores oriundos de outras formações, é necessário encontrar meios para torná-lo mais eficaz e atrativo aos alunos, alcançando um maior aproveitamento no aprendizado da língua.

2 O TEXTO, A LEITURA E O MÉTODO RECEPTIVO NA ESCOLA

A seguir serão discutidos individualmente, mas de modo que dialoguem entre si, considerações sobre o texto, a importância da leitura e o seu método receptivo

na escola, o papel da escola enquanto difusora da leitura e a sociointeração na abordagem da língua inglesa em espaços escolares.

2.1 O TEXTO NA SALA DE AULA

Face à necessidade de aprofundarmos a reflexão sobre o que é texto, torna-se necessário, antes de tudo, entendermos o significado de língua. Língua, inicialmente, pode ser percebida como a capacidade de assimilação de um código convencionado, comum entre uma determinada comunidade que a usa com o intuito de se comunicar. É a partir dela que se domina a primeira etapa para o ingresso ao mundo da leitura e que se cria o elo entre o leitor e o texto.

A língua, enquanto meio de comunicação, torna-se responsável pela circulação de informações e conhecimento, além de, sem dúvida, ser possível, por meio dela, a promoção de um importante fenômeno de libertação, social e político, como sugere Dacanal (2006):

No sentido sincrônico, a língua é instrumento de treinamento da mente, de aprendizagem eficiente, de capacitação técnica, de inserção ética, de cidadania efetiva, de ascensão social e de ação política. (DACANAL, 2006, p. 56).

No tocante a este trabalho, a língua pode ser compreendida como uma composição de códigos, que dão forma ao texto e que possibilitam a leitura aos membros de uma determinada comunidade, que têm esses códigos de maneira convencionada, e, por isso, conseguem compreendê-los. Bem como frisou Houaiss (1991), quando, ao se propor a chegar a uma definição de língua, conceituou que ela:

É um conjunto de sons e ruídos, combinados, com os quais o ser humano, o falante, transmite a outro, ou outros seres humanos, o ouvinte ou os ouvintes, o que está na sua mente – emoções, sentimentos, vontades, ordens, apelos, ideias, raciocínios, argumentos e combinações de tudo isso. (HOUAISS, 1991, p. 7).

Assim, entende-se que a língua é uma entidade dinâmica, que muda e evolui, e que serve para as interações sociais. Com isso, o seu domínio é a ação inicial para a formação de um conjunto de códigos convencionados e inteligíveis pelos membros da comunidade a que pertencem estes códigos, sendo possível a transmissão de uma

mensagem, e a noção de texto, então, é formada, independente da sua dimensão, isto é, da quantidade de códigos utilizados para a sua composição.

Portanto, seguindo a perspectiva de que o texto é formado pelo agrupamento de códigos que o materializam, é válido ressaltar que ele só se constitui a partir da língua. Sendo assim, ele pode ser entendido como uma unidade de transmissão e interação humana, uma sequência que forma um todo e que tem sentido para uma determinada situação e grupo de indivíduos.

Conforme propõe Costa Val (2004), texto é definido, hoje, como toda a produção linguística, em suas diferentes formas e dimensões, capaz de fazer sentido quando utilizado no processo de comunicação, em interlocução.

Seguindo esta mesma abordagem quanto à conceituação de texto, Fávero e Koch (1994) a definem como:

Texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, [...] isto é, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos. [...] Em sentido estrito, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (FÁVERO & KOCH, 1994, p. 25).

Já sobre a sua compreensão, é importante destacar que todo indivíduo nativo, ou seja, que pertence a uma determinada comunidade, consegue definir se um texto comunica ou não o que o autor quer expressar. O texto pode ser compreendido enquanto um processo, que só existe à medida que também haja um leitor, pois um escrito só se torna texto com a presença do leitor nesse processo. Evidencia-se, também, que para a compreensão de um texto, deve-se fazer o uso dos três sistemas de conhecimento descritos por Koch (1995), que são: o linguístico, que relaciona o léxico e o domínio da gramática, o enciclopédico, que está atrelado à experiência de vida de cada indivíduo, e o interacional, que se refere às formas de interação por meio da linguagem.

Utilizando-se das considerações feitas por esses autores, texto é, nesse trabalho, entendido como toda a experiência escolar em que o aluno – a entidade leitora – seja capaz de interagir com o texto em situações do seu cotidiano e que a ele consiga atribuir significado, podendo o texto estar exposto em suas mais diversas maneiras de apresentação.

2.2 A LEITURA E AS SUAS COMPREENSÕES

Fala-se muito sobre a importância da leitura e da aquisição do seu hábito, sobretudo para as crianças e jovens que estão inseridos no meio escolar, dado o papel que a escola exerce na formação de cidadãos leitores.

Já no começo da fase escolar, a partir do processo formal, o início da alfabetização realiza a inserção de todo esse vasto mundo que surge a partir do letramento, e que, depois, virá a possibilitar a introdução da leitura aos alunos, sendo que, conforme essa evolução vai acontecendo, deve-se continuar com esse trabalho, aprofundando mais os aspectos, com o uso de variados materiais, avançando na compreensão e interpretação da leitura, de acordo com os estágios de maturação próprios de cada período escolar. Assim, com o letramento, a escola estará promovendo o ato de ler aos alunos, que se inicia e se constrói durante todas as fases escolares, tornando-os sujeitos críticos e reflexivos, por meio das ações em leitura. E bem como destacou Freire (1997), é a partir do momento em que o homem reflete com criticidade sobre si que ele consegue construir a si mesmo e a chegar a ser sujeito.

Por isso, na medida em que o leitor reflete sobre esse contexto, ele passa a ser o dono do seu mundo. Desse modo, é necessário que ele tome consciência da sua realidade e que consiga refletir criticamente sobre ele e o mundo.

Logo, é sabido dizer que a capacidade de ler exerce um enorme papel à condição emancipatória de um indivíduo. E diante do exposto, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre o que é, para que e como ler.

Koch (2014) assinalou que:

Tomamos como pressuposto básico a concepção de que o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialógicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes oferece. A esta concepção subjaz, necessariamente, a ideia de que há, em todo e qualquer texto, uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais. Em decorrência, fica patente que a leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas,

preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. Assim, autor e leitor devem ser vistos como “estrategistas” na interação pela linguagem. (KOCH, 2014, p. 200).

Compartilhando o entendimento da autora, em um primeiro momento, a escola deve partilhar com os alunos o conhecimento linguístico, dando a eles a possibilidade de codificação dos códigos que compõem o texto a ser lido. No entanto, como uma segunda parte do processo para a formação leitora – e entendida, no âmbito desse trabalho, como a mais valiosa –, a escola tem que intermediar propostas, isto é, elaborar estratégias de leitura a fim de que seja possível criar por meio dela suposições do que foi lido. Significa dizer, em outras palavras, que a escola tem o papel de, enquanto local essencial para a formação de leitores, facilitar a interação entre o texto e o aluno, visando à promoção da construção do sentido da leitura.

Koch (2014) também propôs, enquanto teoria, que a leitura poderia ser subdividida em três concepções: a com foco no autor, a com foco no texto e a com foco na interação autor-texto-leitor, que serão descritas a seguir.

Leitura com foco no autor: nessa concepção, o autor é visto como um sujeito absoluto, uma espécie de dono do que quis dizer no texto. Aqui, é objetivado que o interlocutor capte a mensagem exatamente como foi mentalizada, sem nenhuma possibilidade de interação.

Por esse motivo, a leitura com o foco no autor é uma atividade de captação tão somente dele, do emissor, sem levar em conta as experiências e conhecimentos do leitor. Para Koch (2006), a concepção de leitura centrada apenas na captação das ideias do autor, isto é, isolando o leitor, descaracterizando a interação autor-texto-leitor, torna o leitor um ser passivo, e inexistente, então, a concepção interacional de leitura. Nesses moldes, o leitor capta as intenções, apenas, mas sem interação com o que é lido.

Leitura com foco no texto: nessa concepção o texto é visto como mero codificador, elaborado por um emissor, e que precisa ser decodificado pelo leitor, bastando, para tanto, que esse último somente conheça o código utilizado para realizar a decodificação. Nesse foco, cabe ao leitor apenas reconhecer o sentido das palavras e da estrutura do texto. Assim sendo, nessa concepção a leitura pode ser vista como uma atividade linear, uma vez que tudo que o autor quis comunicar está dito no texto. O leitor precisa apenas conhecer o código, a língua, utilizado no texto e

saber reconhecer o sentido das palavras e estruturas que o compõem para ter a possibilidade da sua interpretação.

Leitura com foco na interação autor-texto-leitor: contrapondo-se às outras duas concepções, aqui a leitura passa a apresentar uma visão interacional, dialógica. Os sujeitos são vistos como atores, como entidades que se constituem, que conversam e constroem-se no texto, considerado o lugar de interação e de constituição dos interlocutores. Nessa visão, o sentido é construído na interação entre o texto e os atores – o autor e o leitor –, tornando a leitura um processo pelo qual participa, então, o leitor, que passa a ser não mais classificado como um simples ser passivo de recepção.

Cabe lembrar que o texto também pode ser compreendido, ainda, sob a ótica da análise do discurso, que consiste, basicamente, em buscar para além do texto informações que contribuam para a construção do sentido da leitura, como sugeriu Stumpf (2001), ao afirmar que é com a análise do discurso que procuramos mostrar que a crítica de um texto não se encerra nele mesmo, uma vez que o objetivo da análise é chegar ao discurso. Ou seja, as ideias presentes em um texto são criadas e influenciadas pelo contexto em que os envolvidos no processo da leitura estão inseridos.

Em tempo, é preciso considerar que além da necessidade de se partir da concepção de uma leitura interacionista, centrada no leitor, é inegável que o autor e o texto também assumam seus papéis de relevância no processo da leitura. Anular totalmente a existência do autor significa excluí-lo da análise de diversos elementos que o texto é capaz de oferecer, pois a obra é assinada pela sua essência. E nesse contexto, a essência do autor também influencia diretamente no texto, pois é ele quem dita o que será criado, escrito, em sua produção, já que o texto não é algo espontâneo, sendo que é elaborado a partir da sua própria visão e vivência de mundo.

Compreende-se, então, que o processo de leitura deve ser percebido como um processo de compreensão, e não o de decodificação de palavras, isoladas uma a uma. Decodificar as palavras de um texto, como já dito, tem que ser entendido como apenas uma das etapas realizadas para iniciar a ação da leitura, nunca a sua função principal. Na atividade da leitura, o leitor atua como construtor de sentido, com visão analítica e crítica sobre a informação que recebeu, e que, acima de tudo, faça a sua ressignificação.

Contudo, não se pode deixar de registrar o fato de que o propósito da leitura, o que une o texto e o leitor, é mediado pelo que a motivou, ou seja, pelo objetivo dessa leitura, o que o leitor buscava no momento em que fez a opção por um determinado texto, bem como frisou Koch (2014):

São os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou em menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior engajamento ou com menor engajamento. Se, portanto, a leitura é uma atividade baseada na interação autor-texto-leitor, nesse processo faz-se necessário considerar a materialidade linguística do texto, elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação; e, por outro lado, é preciso também levar em conta o autor e o leitor, com seus conhecimentos e vivências, condição fundamental para o estabelecimento de uma interação com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade. (KOCH, 2014, p. 205).

Assim sendo, a partir de todos os fatores aqui mencionados, é permitido afirmar que a leitura é uma atividade que demanda a entrega total do leitor, sobretudo pela necessidade de atribuição de sentidos ao texto lido, demandando por parte desse um verdadeiro trabalho de análise e de compreensão, estratégia essencial a uma leitura conduzida para o foco interacionista. Por esse motivo, cabe à escola propiciar meios para que a formação de leitores seja guiada centrando-se nessa concepção interacional da leitura.

2.3 A ESCOLA ENQUANTO DIFUSORA DA LEITURA

A escola, instituição fundamental para a disseminação da educação, ensino e aprendizagem, mesmo em uma sociedade contemporânea, continua sendo a responsável pela formação social, moral e de intelecto dos cidadãos que a frequentam. E, embora a escola atual esteja se transformando, principalmente no que diz respeito à reformulação dos paradigmas educacionais após a era digital, ainda é na escola que as pessoas, sobretudo os jovens, encontram meios para sonhar, elaborar e construir os seus projetos de vida. E dada a importância que a escola assume durante a trajetória de vida de quem a frequenta, as práticas de ensino que visam a sua qualidade devem continuar sendo condição necessária à completa formação desses alunos.

Por esse motivo, além de a comunidade escolar precisar estar focada na valorização da sua cultura e das diversas formas de práticas educativas, a leitura,

enquanto método utilizado para o aprendizado, exerce um grandioso papel na difusão do conhecimento, mesmo ela podendo ser considerada um recurso tido como tradicional dentre os métodos de ensino, porém nem sempre trabalhada de forma em que se prevaleça a análise crítica dos alunos.

Para um expressivo número de frequentadores da escola, ela é, muito provavelmente, um dos únicos locais de contato com a leitura textual. Por isso, visando o pleno desenvolvimento da criticidade dos alunos, é racional propor que sejam formulados trabalhos que desenvolvam esse tipo de leitura, a de sentido, nos ambientes escolares. Como sugerem Almeida e Oliveira (2013), é por meio dos exercícios de interpretação da leitura que ocorre a transformação do leitor para um leitor competente, e, dessa forma, possibilitará a sua inserção nas práticas sociais da linguagem.

Ainda quanto à importância da formação do indivíduo crítico, Almeida e Oliveira (2013) avaliam que:

A formação do indivíduo crítico e reflexivo se faz através da leitura, principalmente de obras literárias. No entanto, somente o entendimento do “porquê” e “como” trabalhar a leitura, fará com que a escola e o professor sejam capazes de formar este indivíduo crítico e reflexivo, permitindo-lhe entendimento do seu cotidiano, vindo a contribuir com transformações socioculturais. A literatura também deve promover prazer e entretenimento, além de desenvolver a criatividade e a imaginação, levando ao prazer e à fruição. (ALMEIDA & OLIVEIRA, 2013, p. 04).

Portanto, a leitura, como qualquer outro assunto possível de ser aprendido dentro do ambiente escolar, pode e deve ser ensinada considerando a sua devida importância. E ao colocar em prática as estratégias de promoção à leitura, como ocorre em qualquer outro processo de aprendizado, o aluno tende a se familiarizar com ela à medida que o contato com o texto vai aumentando, não a considera apenas como uma atividade imposta pelo professor e, então, o apreço pela leitura passa a surgir.

2.4 A SOCIOINTERAÇÃO NA ABORDAGEM DA LÍNGUA INGLESA E A ESCOLA

A escola, muitas vezes, é o primeiro local no qual o aluno tem contato com a leitura. Sendo assim, compete, via de regra, aos professores a tarefa de aproximar o texto e o aluno leitor, auxiliando-o a dar sentido à decodificação do que é lido. E para

essa missão, além da tríade emissor (autor), mensagem (texto) e receptor (leitor), devemos considerar como elementos da leitura o sujeito, a língua, o texto e o sentido a ele atribuído. Podemos, então, avaliar a leitura como uma atividade altamente complexa na produção de significados.

Quando se pretende trabalhar com leitura em sala de aula, com foco apenas no texto, sem a possibilidade de o aluno dar significado à leitura, a primeira reação geralmente é pouco positiva. E ao tentar introduzir a leitura em língua inglesa, nesses mesmos moldes, a reação deles, além de também tender a ser negativa, traz consigo o estigma de ser uma leitura meramente obrigatória, de decodificação de palavras estrangeiras, e que, muitas vezes, é desconexa à realidade desse público a que se destina.

Por esse motivo, analisar a forma como é introduzida, trabalhada e mediada a leitura, sobretudo tratando-se de textos em língua inglesa, é tarefa fundamental do professor propor atividades de leitura em sala de aula.

No entanto, é necessário entender a dinâmica entre o que a escola tradicionalmente considera como uma ação de leitura, do ponto de vista formal, e como os alunos recebem a leitura. Bem como já descrito, a leitura deve ser focada na significação feita pelo aluno, e não entendendo o texto como algo pronto, concluído, sendo somente um conjunto de informações a ser decifrado, apenas. E para isso, não há como a escola considerar essa visão tradicional de leitura. É sabido que o aluno desenvolve um maior interesse em aprender quando são oferecidas condições para que ele se expresse, compartilhando a sua vivência de mundo e se posicionando como um ser participante e que está inserido na coletividade.

Toda a língua, como já abordado anteriormente, precisa ser aprendida, pois ela nada mais é do que uma convenção acordada entre um determinado grupo de indivíduos. Assim como, por exemplo, no Brasil se tem estabelecido que a língua oficial é a portuguesa, diferentes territórios assumem, também por meio de um processo de convenção, qual é a sua língua, ou línguas, reconhecidas como oficiais, maternas.

Quanto à aquisição da língua materna, é importante destacar que, conforme frisou Dacanal (2006), uma criança, tendo os órgãos emissores e receptores funcionando dentro da normalidade, tem a capacidade de detectar e dominar essa convenção e, sendo assim, consegue passar a fazer o uso da língua.

A criança, do mesmo modo como conseguiu desenvolver-se dentro da sua língua materna, passando a utilizá-la nas suas inter-relações, tem, da mesma maneira, a possibilidade do aprendizado de outras línguas, também chamadas de línguas adicionais.

Dada a imensurável importância e os benefícios cognitivos proporcionados pelo aprendizado de um novo idioma, estudar a língua inglesa tornou-se imprescindível, principalmente após as mudanças surgidas com a globalização, pois além de ser um idioma adotado como universal e que norteia as relações econômicas mundiais, a indústria da tecnologia e do turismo, por exemplo, além do da cultura e do entretenimento, como músicas e filmes, se comunicam majoritariamente pela língua inglesa.

De acordo com Silveira (2008, apud RICHTER, 2000), para a aquisição da linguagem, partindo da abordagem interacionista, é necessário que a memória, a percepção, o pensamento, a significação e a afetividade estejam presentes para que a aquisição da linguagem seja possível. A linguagem é, para os pesquisadores interacionistas, uma das manifestações da cognição humana.

Por esse motivo, diante do valor que a língua inglesa assume em um mundo cada vez mais moderno, em nosso país é a partir da escola que a difusão do ensino do inglês passa a constituir um fator de extrema importância para os alunos, que, embora não a tendo como sendo a nativa, estão inseridos em um meio social e cultural que é profundamente ordenado por ela.

Para Lightbown e Spada (1999), o aprendizado de uma língua estrangeira, seja ela qual for, está interligado ao desenvolvimento de quatro habilidades comunicativas: leitura, escrita, compreensão auditiva e expressão oral. Por isso, como a leitura é uma dessas habilidades que estão presentes nas fases do processo desse tipo de aprendizagem, explica-se a necessidade de realizar atividades de leitura, com viés interacionista, durante o ensino da língua inglesa nos ambientes escolares, já que a utilização de textos com temas baseados, sobretudo, nos contextos sociais em que eles, os alunos, estão inseridos, tende a aumentar o interesse pela leitura crítica e, com isso, passa a ocorrer a absorção natural do idioma.

Contudo, é oportuno que se esclareça que no tocante à aprendizagem, principalmente nos níveis iniciais de um idioma, em que os indivíduos não têm pleno domínio da língua estrangeira estudada, é comum o bloqueio com relação às várias

maneiras deles se expressarem, contribuindo negativamente para o desenvolvimento intelectual desse aprendiz. Cabe também frisar que por ser a língua inglesa um idioma com estruturas gramaticais diferentes da portuguesa e que ao chegar à escola os alunos, muitas vezes, nunca tiveram contato anterior com esse idioma, faz com que eles encontrem dificuldades em suas expressões na língua, o que pode dificultar a interação entre educador e educando no processo de ensino. No entanto, compete ao professor formular estratégias capazes de introduzir o ensino formal da língua e, à medida que os alunos passem a assimilar o conteúdo programático dessa matéria, as ações em leitura podem e devem ser reforçadas.

Diante disso, a partir da realidade dos alunos, justifica-se a necessidade da escola formular estratégias de leitura em língua inglesa que englobem os seus mais variados tipos (gêneros), que o texto possua temas múltiplos, fazendo com que a leitura traga elementos capazes de o aluno emitir a sua opinião, argumentando, refletindo e ressignificando o que leu. Por isso, deve haver o planejamento de atividades de reconhecimento dos elementos do texto, como: quem fala, para quem, em que contexto, em que meio, com que objetivo, e que centrem a atividade de leitura na de compreensão e reação ao texto, coerentes com o seu gênero (SCHLATTER, 2009).

A Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018), que foi elaborada pelo Ministério da Educação, está organizada em forma de documento normativo e orienta sobre as diretrizes para o desenvolvimento do aprendizado de todas as disciplinas e em todas as modalidades da Educação Básica. Sendo assim, na BNCC também estão incluídas as orientações quanto ao ensino da língua inglesa na matriz curricular comum, cujo ensino desse idioma deve ser iniciado a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e ser estendido até o último ano do Ensino Médio.

Durazzo (2017) frisa que, como um dos ensejos da BNCC está centrado na formação humana do aluno e de uma sociedade mais compreensiva, justa e igualitária, as propostas para o ensino da língua inglesa na Educação Básica estão plenamente incluídas dentro desse objetivo, visto que as diretrizes da BNCC contemplam uma educação intercultural, indicando que o aprendizado da língua inglesa contribui para uma formação ampla, especialmente por oportunizar aos alunos reflexões sobre o “estrangeiro”, por meio de práticas, sobretudo das linguísticas, cotidianas e da reflexão sobre elas, levando os alunos à autonomia.

Para as diretrizes da BNCC (2018), a língua inglesa deve ser tratada como uma língua franca nas escolas, ou seja, não deve ser concebida apenas como uma língua estrangeira, mas sim como uma língua de aproximação multicultural, em que qualquer indivíduo, em qualquer parte do mundo, pode utilizá-la, independente do contexto, para se comunicar e se inserir em um mundo contemporâneo. O documento também orienta que o ensino de língua inglesa deve desenvolver habilidades que vão além do ensino tradicional, tecnicista, essencialmente preocupado com o ensino da estrutura e vocabulário do idioma.

E quanto à leitura, a BNCC (2018) dispõe que ela deve focar no contato e na interação dos alunos com textos em língua inglesa, partindo da premissa de que há uma dimensão intercultural da língua, de modo que os alunos percebam que a linguagem faz parte da cultura dos povos.

Contudo, é oportuno esclarecer que em ambientes escolares as atividades de leitura em língua inglesa desempenham dois papéis fundamentais: o primeiro é a do aprofundamento na língua propriamente dito, ou seja, voltado aos aspectos formais de aprendizagem, que são trabalhados a partir do contato que o aluno passa a ter com o texto, e o segundo é a capacidade de dialogar e refletir sobre o que foi lido no texto. Quanto ao professor, cabe a ele ser o mediador do processo de interpretação da leitura, atuando como facilitador no processo criativo e de atribuição dos sentidos para os alunos.

Por esse motivo, trabalhar a leitura em língua inglesa levando em consideração a concepção interacionista cumpre com os objetivos que esse modelo de leitura se propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a língua, concebida como a representação do pensamento, que muda e está em constante evolução, serve, enquanto fenômeno social, para atender às diversas formas de interação das sociedades. Portanto, a língua é incontestavelmente uma das características mais marcantes de um grupo que a utiliza. Mas assim como a língua é capaz de definir a identidade de um grupo, ela

não é limitada geograficamente, sendo que também ultrapassa quaisquer barreiras físicas quando há a intenção de se expandir, como é o caso da língua inglesa.

Quanto à recepção da leitura, precisamos ter em mente que o seu processo tem que ser compreendido como uma troca entre quem escreve e quem lê, para, assim, entendermos que a leitura deve ser um processo formado entre a relação da tríade da leitura autor-texto-leitor, ou seja, a leitura com viés interacionista, com significação e construção de sentidos. Assim, ao considerarmos a leitura em língua inglesa, compete aos professores elaborar estratégias de leitura que não se fixem apenas no aprendizado baseado em regras gramaticais. As ações em leitura que explorem os sentidos do texto podem se transformar em atividades muito enriquecedoras no campo do desenvolvimento social e intelectual do aluno, por meio das possibilidades de refletir criticamente sobre o texto.

Por esse motivo, pensar a leitura em língua inglesa em ambientes escolares, principalmente sob a ótica da elaboração de estratégias para a formação de leitores nesses espaços, é inquestionável que ela deva ser tratada como um processo no qual seja possibilitado ao aluno realizar um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, dos seus conhecimentos sobre o assunto, da sua bagagem, suas experiências, de tudo o que ele sabe sobre o que está lendo ou já vivenciou. A leitura deve ser entendida, especialmente no ambiente escolar, como uma experiência de humanização.

Na prática, quanto ao ensino da língua inglesa, a escola deve se propor a tornar essa aprendizagem como um momento de reflexão aos alunos, afastando-se do ensino tradicional, que evidencia, na maioria das vezes, apenas o ensino formal, gramatical, da língua. É muito importante que, para além do ensino do idioma, a escola atue como promotora da autopercepção desses alunos, o que eles compreendem como sendo as suas realidades e as posições que ocupam no mundo, sobretudo em um mundo globalizado. Somente dessa maneira eles conseguirão ampliar as suas visões e perceber que a língua inglesa é um produto muito valorizado nos tempos modernos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erotilde; OLIVEIRA, Jane K. O despertar do prazer pela leitura baseadas na teoria interacionista e na teoria da recepção. **Caderno PDE da Secretaria de Educação do Estado do Paraná: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.** [S.l.] 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_port_artigo_erotilde_de_almeida.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BERGER, Maria Amália Façanha. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino-aprendizagem desse idioma.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: J.L. Tápías Ceccantini; R.F. Pereira & J. Zanchetta Jr. (orgs). *Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação.* São Paulo: UNESP, 2004.

DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem, poder e ensino da língua.** Porto Alegre: WS Editor, 2006.

DURAZZO, Sandra T. B. **Parecer crítico: Língua Inglesa no Ensino Fundamental – Base Nacional Curricular Comum.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Parecer_6_LI_Sandra_Tatiana_Baumel_Durazzo.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5.** Instituto Pró-Livro, 2020.

FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore V. **Linguística textual: uma introdução.** São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOUAISS, Antonio. **O que é língua.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

KOCH, Ingedore V. **O texto: construção de sentidos.** Porto Alegre: Organon, 1995.

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **As tramas do texto.** São Paulo: Contexto, 2014.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. **How languages are Learned.** Oxford, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHLATTER, Margarete. **O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento**. [S.l.] 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4851>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SILVEIRA, Amanda P. **A abordagem interacionista para a aquisição de uma segunda língua: transformando a teoria na prática do professor/pesquisador**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28274/15982>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

STUMPF, Elisa Marchioro. Um texto, quantos sentidos? Contribuições da linguística textual e da análise do discurso na construção de sentidos. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v. 4, n.1, p. 89-103, 2001.